

NO PINTCHA



ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Presidente visitou Cassacá

- começaram ontem as obras do Monumento

CASSACA — Começaram ontem as obras de construção do Monumento evocativo ao I Congresso do PAIGC realizado nesta tabanca, de 13 a 17 de Fevereiro de 1964, um ano após o início da luta armada de libertação nacional.

Para se inteirar do andamento dos trabalhos, o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, deslocou-se

na tarde de sexta-feira passada, dia 7 do corrente a Cassacá. O camarada Presidente foi recebido naquela tabanca histórica, pelas autoridades do Sector de Quinara e população de Cassacá e das vilas próximas.

No centro da tabanca, o camarada Luiz Cabral foi informado do desenrolar dos preparativos para o início das obras e do local que foi escolhido

para a construção do Monumento, que irá preservar para sempre, os feitos do nosso grande Partido o PAIGC.

Ainda em Cassacá o camarada Presidente Luiz Cabral, conversou longamente com alguns elementos da população local, que se mostraram preocupados com a falta de transportes para a evacuação de frutas, de que o sector é grande produ-

tor e da praga de insetos nos laranjais. O Presidente Luiz Cabral, esclareceu que o Governo vai fazer os possíveis para garantir o transporte de frutas e mostrou a dificuldade da solução do problema a da praga de insetos.

De regresso a Bissau o camarada Presidente Luiz Cabral escalou Da

(Continua na Página 8)

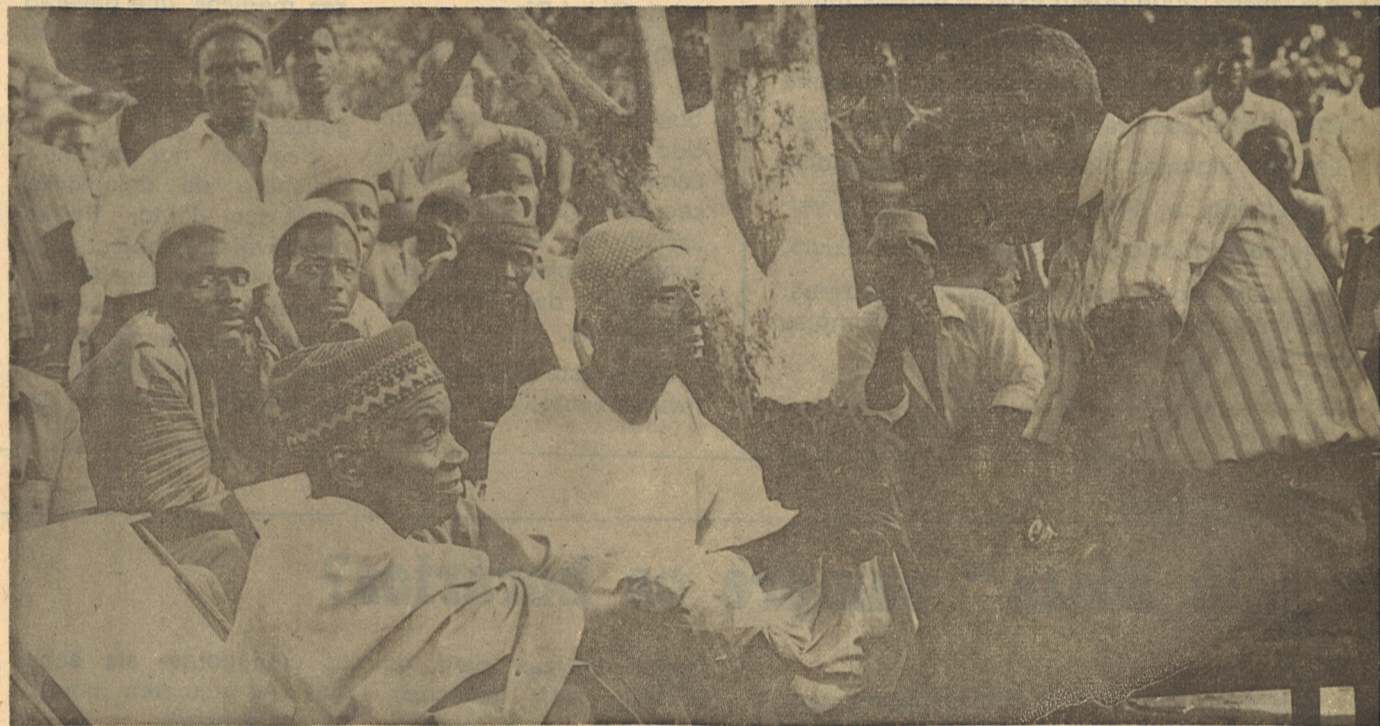


Yasser Arafat, líder da OLP, ao lado do nosso saudoso camarada Francisco Mendes, durante a visita efectuada ao nosso país

Em sessão de solidariedade Reafirmado o apoio a OLP

O PAIGC reafirmou a sua solidariedade incondicional com o povo palestino em luta, dirigida pela sua vanguarda a OLP, numa sessão realizada na tarde de sexta-feira no salão do III Congresso, em Bissau.

Os oradores, representantes do Partido, da JAAC, da Comissão Nacional das Mulheres, da UNTG e da Organização de Libertação de Palestina condenaram energeticamente o regime sionista e demonstraram a sua certeza na vitória do povo palestino. (Ver reportagem na página três)



O camarada Presidente Luiz Cabral escuta atentamente as preocupações e os anseios da população de Cassacá

Francis Bebey

em Bissau (ver noticiário na página 8)

Recursos Naturais: Guiné e Bulgária estudam cooperação

Principiaram, ontem, em Bissau, as conversações com uma delegação da República Popular da Bulgária, a fim de estabelecer os primeiros contactos, para uma possível cooperação no domínio dos Recursos Naturais.

Este encontro enquadra-se no âmbito da visita oficial efectuada pelo

camarada Presidente Luiz Cabral, à Bulgária, a convite do Chefe de Estado búlgaro Teodor Jikov, em Novembro último.

A delegação búlgara que é chefiada pelo vice-ministro da Metalurgia e Recursos Minerais, Yovcho Atanasov Kanev, deslocar-se-á na próxima sexta-feira a Boé.

No começo das conversações falou o camarada Samba Lamine Mané, que em poucas palavras saudou a delegação amiga e agradeceu a ajuda concedida pelo povo búlgaro à nossa luta armada de libertação. Em seguida, usou da palavra o vice-

(Continua na Página 8)

Victor Maria recebeu Embaixador argelino

O camarada Victor Saúde Maria, Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, recebeu em audiência, no seu gabinete de trabalho, o embaixador Abdelaziz Yadi, que lhe fez a entrega da cópia figurada das cartas credenciais que o confirmam como embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Democrática e Popular da Argélia junto do Governo da Guiné-Bissau.

Segundo informações prestadas pela Direcção do Protocolo dos Negócios Estrangeiros, o embaixador argelino apresentará na próxima quinta-feira, cerca das 17 horas, as cartas credenciais ao camarada Presidente Luiz Cabral.

Na breve troca de impressão que se seguiu à cerimónia, no Comissariado dos Negócios Estrangeiros, o embaixador Abdelaziz Yadi transmitiu ao chefe da diplomacia guineense as saudações fraternais do seu homólogo argelino, Mohamed Benyahia.

★ "O Irão deve reconhecer a derrota" - declarou Banisadr (pág-7)

Porquê deitarem-se à sombra dos bailes?

«Hoje há baile, tocam «Tchire Preto» ou «Sábado toca em Bolama o «Miamkambo Jazz», é o constante nos nossos fins de semana.

Toda a gente vai aos bailes, querem divertir-se. Compreende-se. Os divertimentos na nossa terra, resumem-se aos bailes de fim-de-semana e ao cinema de vez em quando;

Mas, normalmente também se ouve «A cultura musical, na nossa terra anda muito em baixo». Então? Qual será a reacção, principalmente dos elementos que fazem parte destes grupos musicais.

Será um sorriso, um encolher de ombros e a expressão «Que entende o povo de música para nos criticar?»

Se for isso, ou algo semelhante, lembrem-se que o povo, é a melhor testemunha, lembrem-se que têm no povo, o melhor auditório.

Evidentemente que não me refiro às finas e clássicas interpretações de Beethoven ou ao calor de uma ópera. Refiro-me sim, ao calor diferente, ao calor profundo que penetra até às entranhas, da música africana, que aliás o nosso povo tão bem conhece.

Pois bem, recordando o dito, se os conjuntos, de uma forma geral são o resumo de todos os divertimentos existentes no país, não é mau tentarem elevar o seu nível cultural.

Se digo isso, não é com o intuito de rebaixar ou de os comparar com conjuntos de outros países, onde dizem estar a música muito avançada. Digo isso, para que os nossos conjuntos, não se deitem à sombra da bananeira (nesta caso à sombra dos bailes), limitando-se a compôr algumas letras, algumas melodias aparentemente e diferentes. A música, a verdadeiramente música, que também aqui existe, seja no corá, no batuque, na guitarra moderna, é diferente, muito diferente de um simples interesse!

Vai ser construído uma câmara de frio para duas mil toneladas

A Secretaria de Estado das Pescas e a empresa mista pesqueira sovieto-espanhola, «Svhispan», estabeleceram um contrato para a construção de um complexo frigorífico com capacidade para duas mil toneladas. O contrato, foi assinado no sábado em Bissau, no termo de alguns dias de conversações entre as duas partes.

O documento assinado, que também prevê a formação, no estrangeiro, de quadros (cerca de três dezenas de técnicos) necessários à manutenção e exploração do referido

complexo, é o resultado de quase dois anos de negociações e de trabalho, na base do acordo pesqueiro celebrado a 11 de Abril de 1975, entre a Guiné-Bissau e a União Soviética.

Nas palavras do camarada Joseph Turpin, Secretário de Estado das Pescas, este «importante empreendimento vai melhorar sensivelmente as infraestruturas já existentes, contribuindo para o desenvolvimento do nosso sector pesqueiro».

Ficou estabelecido o início das obras a partir

de Janeiro próximo, prevendo a sua conclusão para Fevereiro de 1981.

A assinatura do contrato, foi marcada por uma pequena cerimónia na Secretaria de Estado das Pescas, na qual felicitaram-se pelos resultados conseguidos nesta primeira fase do projecto, o camarada Joseph Turpin, os representantes da empresa soviética espanhola António Escalada, Director-Geral da «Sovhispan» e Miroshni Tchenko, do Ministério Soviético das Pescas.

Delegação do PAIGC visita a RDA

A convite do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA), encontra-se na RDA, uma delegação partidária, chefiada pelo camarada Olívio Pires, Secretário do Conselho Nacional de Cabo Verde do PAIGC, da qual faz também parte o camarada Vasco Salvador Correia, Presidente do Comité de Estado da região de Tomali.

Esta viagem, insere-se no quadro dos encontros normais entre o PAIGC e o PSUA.

De regresso a Bissau, a delegação partidária permanecerá durante alguns dias em Budapeste, capital da Hungria, a fim de fazer entrega de uma mensagem da direcção do Partido ao Partido Comunista húngaro.

Médicos portugueses estudam situação oftalmológica no país

Uma equipa médica formada por três oftalmologistas portugueses, encontra-se no nosso país, desde sábado, para, juntamente com as entidades guineenses ligadas à saúde, fazer um levantamento na Guiné-Bissau.

O objectivo desta equipa médica é pôr na prática o recente contacto tido em Lisboa, entre o camarada Manuel Boal, secretário-geral do Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais e o responsável da Fundação Gulbenkian.

Após este trabalho de levantamento, em Janeiro

do próximo ano, deverá chegar a Bissau, outra equipa de oftalmologistas portugueses, composta por sete médicos, a fim de fazer uma prospecção nas escolas de todo o país. Juntamente com esses médicos, que deverão permanecer durante um mês no país, trabalhará o pessoal de enfermagem guineense.

Segundo nos afirmou o chefe da delegação, professor doutor Ferraz de Oliveira, o objectivo a curto prazo é sensibilizar a população, e a médio e longo prazo lançar bases para uma assistência oftalmológica correcta na

Guiné-Bissau, além de preparar um esquema científico e técnico de apoio à saúde, no domínio da oftalmologia.

Novo emissor para a RDN

A fim de estudar com as autoridades portuguesas, assuntos ligados à aquisição, pelo nosso Governo, de materiais para a Radiodifusão Nacional da Guiné-Bissau, particularmente, o plano para a compra de um novo emissor de onda média, deu-se no sábado passado a

nossa capital, com destino a Portugal, o camarada Fernando Fortes, membro do CSL e Comissário de Estado dos Correios e Telecomunicações.

O camarada Comissário faz-se acompanhar do camarada Francisco Barreto, director da Radiodifusão Nacional.

A "Silô Diata" cumpre os horários?

O transporte colectivo é indispensável para a condução dos trabalhadores que saem ou entram nos seus postos de «paga quinhão».

Isto torna-se ainda muito mais premente nas horas de ponta. É nessas ocasiões que o cumprimento dos horários dos autocarros tem sido objecto de crítica de muitas pessoas.

Um dos nossos repórteres recolheu em algumas paragens, os depoimentos de pessoas que aguardavam o autocarro.

NUNCA ESPERO PORQUE NÃO PARAM

«Devo começar por dizer que os autocarros da «Silô Diata», não param, é por isso que eu nunca os espero. Começou por nos dizer a camarada Jenoveva das Ardenas Gomes de 19 anos de idade e que é estudante. Prosseguiu: — «Penso que se o autocarro é para servir o povo, devia respeitar o povo, mas não se

nhor. Eles não cumprem os horários e nem tão pouco obedecem ao número de lotação das pessoas».

A Jenoveva recordou que aí vem o período das festas, período portanto de muito movimento, em que as pessoas que fazem as compras ficam com elas nas mãos à espera da «Silô Diata». Abordou também o problema dos táxis para afirmar que «é escusado esperá-los porque já houve

muitas críticas para os taxistas sem soluções, eles continuam na mesma, portanto não é possível contar com eles. É preciso que se lhes arreie no duro, porque devem ter respeito pelas pessoas que os chamem».

NEM OS COBRADORES TÊM MODOS

Maria de Paula Rodrigues de 25 anos de idade, telefonista. Acha que os chauffeurs não cumprem os horários, «e põem muitas pessoas à espera na paragem». Mais à frente afirmou: «Os condutores, esses parece que não têm a noção de responsabilidade, porque efectivamente, andam com o autocarro numa velocidade não permitida aos transportes colectivos». Para

os cobradores, ela acha que eles não têm modos com as pessoas.

Paula Rodrigues terminou afirmando que ela pensa que os autocarros são obrigados a pararem em todas as paragens, o que não fazem. «Houve uma vez que tiveram que passar comigo até uma outra paragem, e isso chocou-me bastante».

PREFIRO IR A PÉ

«Eu? há muito tempo que não ando de autocarro» — assim começou por nos falar o mecânico Suleimane Camará de 28 anos. «Desde que para cá vim só duas vezes andei de autocarro, a não ser quando vou para o interior, isso porque enfim, não há outra alternativa. táxis também «roncam»

quando se lhes chama».

Suleimane insistia ainda mais para dizer que nunca vai no autocarro, «porque ali há muitos empurros e ainda mais, não cumprem os horários», para que os seus atazeres não fiquem prejudicados «prefero ir a pé. «Jeito cá tem», não chegam a horas e quando chegam vêm cheios». Este camarada concluiu dizendo que os desdobramentos de Bairro de Ajuda falham muito «o que obriga as pessoas a estar lá dentro como sardinha em lata».

ASSIM NÃO PODEMOS PAGAR O NOSSO QUINHÃO

Henrique da Silva de 23 anos de idade pôde-nos

dizer que os autocarros chegam muitas vezes atrasados, «sem sabermos porquê», principalmente os que fazem a carreira aeroporto Santa Luzia». «Acho que os chauffeurs é que não entram no tempo exacto — acrescentou. «Eu às vezes não espero o autocarro, porque atrasam sempre de 10 minutos para a frente o que me obriga a chegar tarde ao meu posto de paga quinhão na Reconstrução Nacional». Terminou dizendo: «Os trabalhadores da «Silô Diata» devem ter consciência disso, e cumprirem rigorosamente os horários estabelecidos».



O apoio à luta do povo palestino não conhecerá vacilações

-reafirmou-se no comício de solidariedade com a OLP

O apoio à luta do povo palestino pela sua total libertação e independência, não conhece nem conhecerá vacilações por parte dos dirigentes e militantes do PAIGC porque para além de ser uma demonstração do espírito de solidariedade é, também, um compromisso para com a libertação total de todos os povos do mundo. Em síntese, foi assim, que os oradores, no comício de solidariedade com a Organização de Libertação da Palestina, realizada na tarde de 6.ª-feira, no Salão do III Congresso, definiram a posição do Partido, face à situação na Palestina.

Com o salão completamente cheio, os camaradas Tiago Aleluia Lopes, em nome da direcção do Partido, Helder Proença, da JAAC, Issac Monteiro, em representação dos militantes do PAIGC, Félix Gama, da UNTG, Ema Jacob da Comissão Nacional das Mulheres e o representante da Palestina no nosso país, camarada Ahmed Allamine, condenaram energicamente o imperialismo e todas as suas formas de dominação, neste caso o sionismo. «Encarnação da ideologia sionista, o Estado de Israel, colonialista nos seus objectivos, racista na sua estrutura e fascista nos seus métodos e instrumentos, comete diariamente nos territórios ocupados os mais bárbaros crimes, matando, torturando, prendendo, reprimindo manifestações culturais populares, expulsando camponeses das suas terras», assim se referia o representante do Partido sobre a agressão de Israel.

A sessão, estiveram presentes os camaradas Constantino Teixeira, do CEL, José Araújo, Secretário Executivo do CEL,

Otto Scharth, secretário do CNG do PAIGC, João da Costa, Secretário Nacional da JAAC, José Pereira, Secretário-Geral da UNTG, além de vários outros dirigentes do Partido e Estado.

O primeiro orador foi o camarada Tiago Aleluia Lopes, Presidente do Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau que depois de ter feito uma série de considerações sobre o problema do Médio Oriente salientaria «os laços de solidariedade que ligam o povo guineense-caboverdiano e o povo palestino, o PAIGC e a OLP, são laços indestrutíveis porque foram forjados na luta comum, que continua, contra o imperialismo opressor, e pela edificação de sociedades pacíficas, progressistas e livres da exploração do homem pelo homem.»

Antes de terminar, frisaria que tal como o nazismo e o fascismo fracassaram no mundo, também o sionismo fracassará.

O representante da JAAC, por sua vez, precisou que «felizes são as gerações que viveram a

instauração do sistema imperialista no nosso planeta, porquanto toda a desumanidade, toda a ignomínia e brutalidade de toda a sorte daí decorrentes uniu povos à escala planetária, e entre explorados de todo o mundo semeou o germen da sua própria destruição — a unidade indestrutível das largas massas exploradas do mundo — (...) Ao afirmarmos tudo isto, pensamos que a nossa opção de solidariedade incondicional com a luta do povo palestino conduzida pela sua vanguarda revolucionária a OLP, fundamenta-se no facto de que a causa por que se batem está na lógica da história do mundo contemporâneo e subcreve-se da direcção fundamental da libertação definitiva da Humanidade».

A nossa juventude, acrescentou, entende bem claro que o problema fundamental da Palestina não se coloca entre árabes e judeus e nem tão pouco o problema é considerar o povo judeu desprezível ou povo escolhido de Deus; porque concebemos o racismo não como o produto dum pensamento filosófico particular duma raça ou duma comunidade de homens, mas sim a expressão materialista dum sistema político-ideológico de classe numa dada sociedade. Com isto queremos dizer que tanto os judeus, árabes, africanos ou europeus, podem ser racistas ou não, em fun-

ção da sua posição ideológica e do sistema sócio-político que dirigem numa determinada sociedade histórica. Eis porque ao condenarmos o sionismo, condenamos igualmente o antissemitismo.

«As mulheres da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, incentivam as mulheres palestinianas a manterem-se firmes nas suas tarefas como baluartes, para a conquista das crianças. Seremos com elas e por elas lutamos. Que as crianças da Palestina possam crescer num ambiente de paz e prosperidade, sem violências que as traumatizem, que possam num futuro muito próximo, gozar dos seus direitos numa Pátria livre, pois que o bem estar delas está indissolúvelmente ligado à paz e à prosperidade do mundo de amanhã» — foram os desejos das mulheres da Guiné e Cabo Verde expressos pela camarada Ema Jacob.

Seguidamente o representante dos trabalhadores da Guiné-Bissau começou por precisar que «à custa de uma corajosa luta armada e aos crescentes e bem sucedidos esforços diplomáticos, a Organização de Libertação da Palestina está hoje, cada vez mais perto de alcançar o que, desde há muito é o sonho comum de quatro milhões de palestinianos: uma Pátria independente».

Félix Gama, fala da luta do povo palestino desde 1896, data em que foi fundado o movimento sionista, que tinha como objectivo criar um lugar para o povo judeu na Palestina. Condenou as barbaridades do regime de Begin e, por último diz: «Neste acto de solidariedade, gostaríamos de lançar um apelo ao nosso povo em geral e aos trabalhadores em particular, para o reforço da disciplina laboral e cercar as fronteiras contra qualquer tentativa do inimigo de os desviar dos objectivos do nosso Partido. Assim, estaremos a manifestar correctamente, a nossa solidariedade com o Povo Palestino».

O camarada Isac Monteiro descrevia um resumo da história, a origem e a evolução da questão palestiniana, o problema do Médio Oriente no seu todo, da colaboração internacional com Israel e da solidariedade internacional com a causa palestiniana.

A terminar, leu a determinação do povo palestino em lutar pela liberdade, expressa numa das suas baixadas populares: «Podem tirar o último pedaço da nossa terra! Alimentar as celas com a nossa juventude! Podem arrasar a minha herança! Podem espalhar a chuva de terror sobre os tectos da minha aldeia! Não cederei! Até ao último pulsar das minhas veias — resistirei!»

Na sua intervenção, representante da OLP em Bissau, analisou os problemas que afectam a Palestina e o Médio Oriente, as razões fundamentais que justificam o interesse do colonialismo europeu para a zona do Médio Oriente e explicou a origem e as características do sionismo como «um fenómeno colonial novo, que não tem igual na História da Humanidade.» Mais à frente falou dos objectivos da OLP e, como forma de alcançar a vitória, «a necessidade de intensificar a luta armada nas zonas ocupadas, o levantamento do povo palestino e uma ofensiva diplomática a nível internacional.»

A terminar essa sessão de solidariedade, apesar de não ter inscrito no grupo dos oradores, o camarada José Araújo salientou a solidariedade que o povo palestino sempre nos reservou durante a nossa luta de libertação nacional e agora depois da independência com um acordo de cooperação assinado aquando da visita do líder palestino ao nosso país Yasser Arafat e a presença na Guiné-Bissau de médicos, engenheiros técnicos agrícolas palestinianos. «Quero transmitir aqui o nosso apoio e nossa confiança na vossa justa luta e fazer votos de grandes vitórias no vosso combate.»

Unidade — 2: Como uma equipa de futebol

A imagem de um «team» de futebol em movimento (já dizia Albert Camus que o futebol era a inteligência em movimento...) serviu ao Camarada Amílcar Cabral para explicar com toda a simplicidade e eficácia o que é a Unidade.

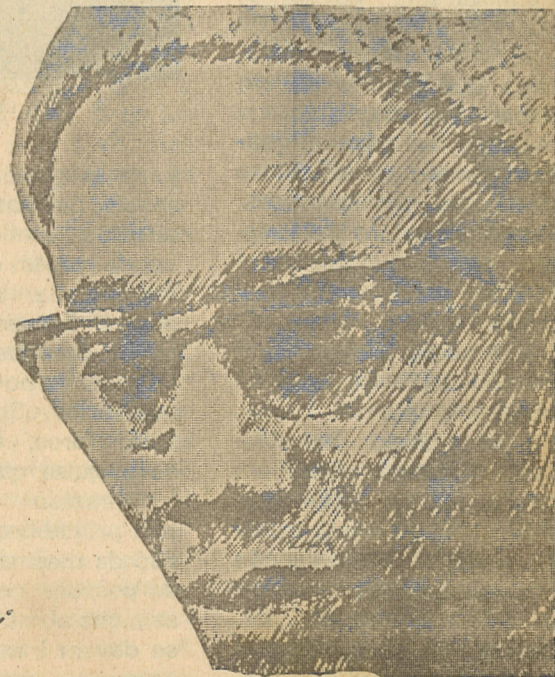
Vejamos esse texto notabilíssimo extraído do Seminário de Quadros, conjunto de palestras dirigidas aos militantes em 1969, em Conakry.

«Consideramos por exemplo, um time de football. Um time de football é formado por vários indivíduos, 11 pessoas. Cada pessoa com o seu trabalho concreto para fazer quando o time de football joga. Pessoas diferentes umas das ou-

tras: temperamentos diferentes, muitas vezes instrução diferente. Alguns não sabem ler nem escrever, outros são doutores ou engenheiros, religião diferente, um pode ser muçulmano, outro católico, etc. Mesmo de política diferente, um

pode ser de um Partido, outro doutro. Um pode ser da situação, como por exemplo em Portugal, outro pode ser da oposição. Quer dizer, pessoas diferentes umas das outras, considerando-se cada uma diferente da outra, mas do mesmo time de football. E, se esse time de football, no momento em que está a jogar não conseguir realizar a unidade de todos os elementos, não conseguirá ser um time de football. Cada um pode conservar a sua personalidade, as suas

ideias, a sua religião, os seus problemas pessoais, um pouco da sua maneira de jogar mesmo, mas eles têm que obedecer todos a uma coisa: têm que agir em conjunto, para meter golos contra qualquer adversário com quem estiver a jogar, quer dizer, à roda deste objectivo concreto, meter o máximo de golos contra o adversário. Têm que formar uma unidade. Se não o fizerem, não é um time de football, não é nada. Isto é para verem um exemplo claro de unidade».



CUP soluciona problemas financeiros da empresa

A «CUP» Cooperativa de Construções Unidade e Progresso, atravessa um longo período de dificuldades de vária ordem, sobretudo na aquisição de matéria prima e de equipamentos técnicos, estes de capital importância para o bom funcionamento desta empresa autónoma com cerca de 800 trabalhadores.

A «CUP» com sede em Bissau, possui ramificações em diversos pontos do interior do país, nomeadamente na Ilha do Komo, Morés, Cacheu e Bafatá, onde se ocupa de construções de casas de Estado, fábricas e casas particulares, por contrato.

Neste momento várias ou a maioria das obras estão paralizadas por falta de matéria prima, segundo nos informou o camarada António Pires, Primeiro Secretário da «CUP», numa entrevista concedida ao «Nô Pintcha».

«A falta de material tem trazido prejuízo à empresa e tem prejudicado a sua reputação» — disse António Pires no começo da nossa entrevista. Esta empresa tem dificuldades na obtenção de matéria prima devido à sua falta no mercado interno, o que leva para que quando não há nas lojas de Bissau, «nós parámos de trabalhar, porque não temos outras possibilidades». A CUP depois de dois anos de serviço tentou junto das autoridades competentes a possibilidade de lhe conceder a autorização na aquisição de materiais o que teve a anuência por parte destas. Para além dos problemas na importação de matéria prima, aquela empresa tem tido problemas também na compra da madeira, «porque nunca conseguimos as quantidades que necessitamos» — disse António Pires.

Não obstante à série de dificuldades, aquela colectividade tem tido sempre o apoio das Obras Públicas na qualidade de Comissariado de tutela, gozando a Cooperativa de autonomia administrativa. Logo que precisa de um apoio técnico, moral e material, as Obras Públicas têm-no dado dentro das suas possibilidades. Como prova disto existem alguns cooperantes cedidos por esse departamento estatal.

«O nosso prejuízo vem na sequência da falta de matéria prima» — assegurou o nosso entrevistado. Existem obras em que o pessoal sem trabalhar ganha, porque quando acaba o cimento e não só, não se pode despedir esses trabalhadores, «porque se os mandarmos embora dois dias depois precisamos deles e teremos

que ir procurá-los, sem culpa deles nem nossa». A Cooperativa tem ajudado os trabalhadores neste sentido como é o exemplo da obra na Ilha do Komo que desde 1976 está-se a construir uma escola e até então não foi possível tê-la pronta por falta de material, e quando não há material o pessoal tem que ficar à espera do responsável que se desloca até Bissau à procura do inexistente o que às vezes leva um mês à espera. Para além do pre-

juízo originado pela escassez de material acima referido, também está inserida neste contexto, a inexistência dos transportes. Existem onze camiões parados e só três funcionam porque faltam acessórios. Segundo António Pires, «para além do prejuízo que tudo isto tem trazido à empresa, tem prejudicado a reputação da mesma» dado que as pessoas paradas, pensam que obras paralizadas, se devem à má gestão da empresa ou desleixo. «Mas qualquer operário

VIVER SABURA SEM PRESENCIAR O ASSOMBRO

na hora das dificuldades, um número indeterminado de quadros abandonou a CUP à procura de melhores condições noutros locais.



A falta de matéria-prima é uma das dificuldades. Na foto, uma secção de carpintaria prepara a madeira para a construção

Durante longo tempo essa empresa de opção cooperativista foi ultrapassando estas dificuldades, podendo garantir, a partir de agora, os salários aos seus trabalhadores sem atraso de meses. Não satisfeitas as suas condições noutras localidades, os antigos empregados querem regressar e a CUP vai estudar essa situação de regresso, com a excepção dos sócios que já gozavam de um estatuto de associado. Para abordar esta ques-

mente já conseguiu o empréstimo que há dois anos esperava, «embora não venha solucionar definitivamente os nossos problemas, mas vem melhorar grandemente a nossa situação». Com esta quantia conseguida, a empresa saldou alguns compromissos, tais como a liquidação de dívidas, pagamento de juros à caixa de crédito e salários dos operários, «e faremos tudo por tudo, para ser uma solução definitiva». A CUP estará na condição lucrativa quando os



tão, ouvimos na boca do primeiro secretário as seguintes informações:

«Muitas pessoas já nos contactaram, e nós pensamos que vamos debruçar-nos sobre este problema. Mas, aos que eram sócios temos que analisar melhor a situação deles, dado que a posição então assumida não é de um combatente de Reconstrução Nacional, como é o nosso caso.

Prosseguiu:

«A cooperativa é dos trabalhadores, e nós não pensamos criar postos de trabalho, mas melhorar as condições de vida desses operários, portanto é necessário haver sacrifício de todos».

A empresa efectiva-

materiais necessários deixar de faltar o que António Pires mostra muito optimista «porque para o ano que vem vai haver uma melhoria no que concerne à aquisição de matéria prima», porque as entidades competentes têm vindo a envidar esforços neste sentido.

O recrutamento do pessoal é feito como em qualquer empresa. Um indivíduo inscreve-se e quando é necessário a sua comparencia é chamado, mas depois de um ano se esse individuo revelar qualidades, a Assembleia Geral dos Sócios decide se ele pode ou não ser sócio. Os processos de enquadramento de associados e a forma de participação dos sócios, não tem sido um facto eficaz, tanto assim que esta empresa não trabalha como uma cooperativa no sentido próprio do termo. Isto porque, realmente, existem vários empregados, e nem todos são sócios. «Nós estamos a caminhar para que efectivamente seja uma verdadeira cooperativa em que todos serão sócios» — afirmou Pires. O último estatuto já prevê que depois de um ano, qualquer trabalhador deverá ser sócio, portanto, todos os trabalhadores devem ser sócios se porventura fôr escolhido como tal, caso não seja, então terá que ser dispensado. A partir de Janeiro, os sócios terão que pagar as suas quotas, coisa que até aqui não se verificava, para a constituição de capital social que neste momento está previsto para um milhão de pesos, «que pensamos aumentar a médio prazo».

A terminar a nossa conversa o nosso entrevistado salientou a preocupação daquela colectividade. «Estamos esperançosos de que o Instituto Técnico de Formação Profissional poderá ajudar-nos muito neste sentido».

No Sahara Ocidental e o regresso ao território desalojadas pela guerra passando pelas atrocidades da população civil em acampamentos de refugiados saharianos o povo Ouro, enfrenta uma vicissitude.

Os sacrifícios que tornam cada dia mais aparentes quando se procura encontrar nesse povo uma convicção firme de vencer, contando primeiro com as próprias forças porque o «Sahara matineba» — o Sahara não vende. Os seus rostos serenos e olhares atentos em cada gesto do inimigo e em cada tarefa de organização social de base, revelam no combatente saharau um patriotismo tradicionalmente embebido nas veias dos homens, mulheres e crianças, decididos a mastigar, no deserto, o drama de uma guerra imposta, e levada até às últimas consequências o grito da acção revolucionária de «continuar a luta para impôr a independência nacional e a paz».

Quantos anos se passaram depois da assinatura do acordo tripartido e que a Espanha vendeu o Sahara Ocidental a Marrocos e à Mauritânia (a 16 de Novembro de 75), se as ambições ali conquistadas fossem até agora satisfeitas? Está a acontecer o inverso. O acordo malogrou-se. Dois dos três signatários (Espanha e Mauritânia) não quiseram mais continuar a negociar o destino de um povo que não pertence



Entre montanhas de perseguição para a paz

O Nô Pintcha no Sahara (3)

inimigo engolirá poeira da derrota

Um povo luta para a paz nacional das populações das frentes de combate, inimigas contra o resto dele controlada, até aos limites do cordão fronteiriço da Saquia El Hamra e Rio de Saquia de sacrifícios.

«x» nem a «y», senão ao Sahara.

Enquanto Marrocos ficou isolado, os dois países cúmplices renunciaram ao acordo (Mauritânia em assinatura de acordo de paz com a RASD, em Outubro deste ano, e a Espanha, através de declarações públicas do primeiro-ministro Adolfo Suarez, ao reconhecer a Frente Polisário como a representante do povo Saharaoui).

Este isolamento de Marrocos é tanto maior hoje quanto é certo que a cimeira da OUA votou massivamente a favor da autodeterminação e o comité de descolonização da ONU acaba de declarar por 83 votos contra cinco, a legitimidade da Frente Polisário sobre o território saharauí.

O rei Hassan II pensava que, depois da saída de Espanha, a ocupação dessa antiga colónia espanhola não era difícil, apenas uma questão de três dias, após a qual ele próprio iria tomar chá a El Ayoun. Será que o monarca já não tem sede, ou perdeu a pressa de ir tomar chá no campo saharauí, como magnanimamente prometeu aos seus soldados? Uma coisa é parecer e outra é ser capaz.

Hoje, o prosseguimento

de guerra para Marrocos, já não é um teste de demonstração de força ou talvez de cega ignorância sobre a verdade histórica de um povo que existe e quer ser dono de seu destino. Hassan sabe-o perfeitamente, mas está comprometido económica e politicamente com forças neo-colonialistas e do imperialismo internacional.

Hassan II, o sanguinário rei de Marrocos — que se proclama hipócritamente islâmico sem no entanto respeitar a concepção humanista do Islão — está metido num colete de forças. Os seus compromissos altamente ambiciosos de expansionismo no Magreb, colocam-no entre a espada e a parede.

A projecção da Revolução do povo saharauí ultrapassa as fronteiras nacionais. Ela é vital para a restituição da liberdade e progresso para o povo da RASD, mas também para a estabilização da paz e implantação de novos regimes progressistas na zona do Magreb, Noroeste Africano.

Quer dizer, a vanguarda revolucionária, a Frente Polisário, já está a desempenhar um papel idêntico ao dos movimentos de libertação nas ex-colónias portuguesas, que contribuíram muito para o derrube do fascismo em Portugal.

Já em Julho do ano passado, esse factor se revelou na Mauritânia, com o golpe de Estado preparado por militares

indignados com a situação interna de instabilidade política e de uma economia na bancarrota, em alimento a uma guerra instigada por Marrocos. Para os franceses e as potências capitalistas, o conflito constituía mais uma saída para novas assinaturas de acordos militares e de venda de armamento bélico.

De igual forma, está mais do que nunca eminente que Hassan II vai engolir a mesma poeira que o seu antigo aliado directo, Ould Dadah. Pois, quanto mais joga todas as energias do seu exército para concretizar, no século XX, as suas velhas ambições expansionistas baseadas em conceito bárbaro, de magrebização do chamado Grande Império de Marrocos (juntando Marrocos, Sahara, Mauritânia e partes norte do Mali e Leste da Argélia), sem dúvidas, o monarca alawista põe cada vez mais em perigo a própria dinastia cherifiana que dirige.

Se Marrocos continuar a reivindicar o Sahara, duas soluções se apresentam desde já para a resolução do problema: ou os militares reagem para evitar maior perda de vidas e uma derrota frente a um exército numericamente inferior, ou as forças capitalistas de intervenção (Estados Unidos e a França) renovam a manobra utilizada para o afastamento do Xá do Irão do poder. Arranjarão formas indirectas de destituir o rei para facilitar a continuidade da política por um regime aparentemente mais liberal.

O vento da justiça sopra a favor dos saharauis que sacrificam suas vidas, com fome, sede e pesadas dificuldades, na busca de uma só coisa: o direito de viver independente. Esta realidade irreversível é diariamente constatada por delegações e jornalistas estrangeiros que visitam as zonas libertadas e campos de batalhas, controlados pelos combatentes da liberdade da Pátria da República Saharaoui. Actualmente, o território controlado pela Frente Polisário anda à volta de 80 por cento, e a população do país excede os 750 mil habitantes, incluindo os refugiados espalhados pelos países vizinhos — Mauritânia, Mali e Argélia.

«O colonialismo sempre revelou ignorante no nosso território, pois no século não foi capaz de conhecer o povo que dominou — rematou o camarada Ahmed Jallil, membro do Bureau Político e Governador da Província de Smara, ao falar ao «Nô Pintcha» sobre a luta no Sahara.

«Essa mesma ignorância é revelada hoje com os novos neo-colonialistas que se limitam a determinar a nossa força pelo número da população. Somos poucos, mas contamos com a solidariedade internacional, com a coragem do nosso povo, com uma força de unidade e coesão, com um espírito nacionalista de luta que os nossos antepassados nos legaram ao longo da história.

«Ignorando essa força da verdade, o inimigo cai no erro. A nossa resistência armada a 20 de Maio de 75, continuará até à vitória final. Se antigamente os portugueses, os ingleses, os franceses e até há bem pouco os espanhóis sempre encontraram uma barreira firme do nosso povo tradicionalmente guerreiro, hoje nem os reis, nem os imperadores e nem os neo-colonialistas conseguirão aniquilar a personalidade e o espírito nacionalista do nosso povo» — reafirmou.

A acção da tropa marroquina, depois da retirada da Mauritânia do cenário da guerra, ficou confinada à defensiva nos quartéis de El-Ayoun, Smara e Boucrã, no noroeste, e Dakhla, Bir-N'zaram, Bir-Mogrheim no Sul e em abrigos das posições montadas nos arredores destas únicas cidades ainda ocupadas. São fundamentalmente zonas que se aproximam ao mar, mais fáceis de controlar por barcos e aviões. As deslocações entre os quartelamentos passaram a ser feitas por carreiras militares aéreas, pois as colunas por terra são constantemente atacadas por saharauis.

A INVASÃO DE SETE MIL HOMENS NÃO PASSARÁ

O reinado de Rabat uniu a efectuar uma incursão de grande envergadura de sete mil homens contra os focos de guerrilheiros espalhados pelo território. E há razão para muita gente ficar

alarmada com esta ameaça de paz, porque está em causa a vida de um povo, quando se sabe que Marrocos dispõe de armamento bélico de infantaria, e uma força aérea, fornecida pelos Estados Unidos da América, França e Egípto.

Já há presença de «mirages» franceses na cidade saharauí de Smara e sabe-se que modernos tanques blindados aprisionados na operação de Zaak (de fabricação franco-austriaca) intervêm pela primeira vez num país africano.

A situação é de resto preocupante com a escalada marroquina de internacionalização do conflito e urge deter os avanços criminosos de Rabat. Contudo, a prática diária

Cairo resulta do isolamento africano de Marrocos e de isolamento árabe do Egípto.

Não se admira que Marrocos tenha lançado mais uma das tantas propagandas de aniquilamento do povo saharauí cuja forte resistência o rei sempre quis justificar com a presença de tropas cubanas e argelinas ao lado da Frente Polisário, quando não é verdade.

Se na realidade o regime de Hassan II sente-se capaz e decidido a «arrasar» todos os saharauis nos terrenos por onde for passando a massiva expedição de sete mil homens apoiados por tanques e aviões, porque é que teria anunciado com antecedência o plano?



Um grupo de jovens recrutas terminam a sua incorporação militar

nos tem provado que a determinação dos homens no terreno é que mais conta nesse tipo de guerra. E os saharauis conhecem o deserto como a palma das suas próprias mãos. Os seus avós lhes ensinaram a localizar os pontos cardeais pelo sopro da brisa, a cor da areia e as plantas.

«Creio que neste momento — comenta o Primeiro-Ministro da RASD, camarada Mohamed Lamine, sobre o apoio egípcio, francês e americano ao trono de Hassan II — Marrocos não precisa de armas e de homens. Tem necessidade é da convicção e de combatividade, o que é incompatível com uma guerra injusta. A aliança que se tece actualmente entre Rabat e o

Os militares do rei conhecem a intrepidez dos guerrilheiros saharauis e não estariam dispostos a adverti-los para se sujeitarem depois a mais tantas derrotas em cada plano relâmpago que traçam. Sendo ou não uma propaganda de intimidação, aos saharauis compete manter resistência permanente contra a agressão. E até quando essa resistência? A situação é favorável e não tardará o dia em que os invasores recolham a cauda entre as pernas e saiam de vez. Não será optimismo apostar desde já que o ano de 1980 será o ano da libertação total da RASD, tendo em atenção a situação no terreno e no plano internacional.



Deserto, o Exército Popular de Libertação Saharaoui (EPLS), recuou o território ocupado — uma certeza na vitória final

Ténis, 1 — Farim, 1

Violência em vez de futebol

A equipa de Farim complicou tudo quando era mais fácil arrecadar os dois pontos na partida que disputou com o Ténis Clube no sábado no estádio Lino Correia. Um empate a uma bola foi tudo o que conseguiu arrancar frente a um Ténis que logo aos oito minutos da primeira parte ficou reduzido a 10 elementos e com um golo sofrido aos dois minutos e meio.

A velocidade que os pupilos de Cipriano empregaram nos minutos iniciais fazia crer que estavam dispostos a resolver o assunto o mais rapidamente possível. Isso confirmou-se aos dois minutos e meio do desafio, quando Otto na tentativa de aliviar a bola fez um auto-golo. A bola passou da defesa para o ataque num abrir e fechar de olhos. Celestino no corredor direito cruzou, Felipe de rompante rematou para Bernardo defender com os pés. Otto foi infeliz ao aliviar para as malhas.

Depois deste golo o azar instalou-se nas hostes tenistas. O guarda-redes Bernar-

nardo saiu lesionado aos seis minutos num choque com Felipe e foi substituído por Pelé. Aos oito minutos Zé Manuel viu o cartão vermelho, talvez por jogo perigoso. Mas quanto a nós não existiu, porque logo a seguir haveriam faltas mais perigosas do que esta que não foram castigadas com nenhum cartão. Reduzido a 10 unidades Ténis fez o jogo que lhe convinha. Fechar o caminho da sua baliza e jogar renhidamente. Os homens de Farim baixaram de rendimento e tentaram ripostar no mesmo sistema. Resultado. Aos 33 minutos Zito, na marcação de um livre igualou a partida, com um remate forte, respondido por um frango de Sadjó. Com o golo tudo se transformou, de jogo renhido para um futebol de agressão. E o árbitro consentiu! Principalmente na segunda parte as lesões foram aparecendo ao longo do desafio. O árbitro Embunhe Encada atingiu o auge da sua má actuação, marcando faltas que nunca existiram. Uma actuação para

esquecer desta equipa de arbitragem assim como das duas equipas que se defrontaram, principalmente a de Farim que foi na cantiga do Ténis. Nesta segunda metade do desafio as bolas que chegaram à baliza, podem-se contar pelos dedos de uma só mão.

BENFICA, 2 — TOMBALI, 1

O mesmo se pode dizer do Tombali que frente a um Benfica sonolento e ainda por cima complicadíssimo, se deixou bater por 2-1 — golos marcados por Néne e Djossé para a equipa «encarnada» e Arafam, para o Tombali.

«Vais ver que contra o Sporting o Benfica não joga desta maneira», dizia um adepto do Benfica bastante irritado com a actuação da sua equipa. Na verdade, os campeões nacionais decepcionaram, diga-se, toda a gente que assistiu o encontro. Nos primeiros 45 minutos só rematou uma vez à baliza saindo a bola muito longe do poste. Na segunda parte, os

pupilos de Tonecas Parente já remataram mais vezes à baliza do Tombali (seis) e marcaram seus dois tentos.

Contudo, não se pode dizer que o Tombali tenha sido superior à equipa «encarnada», porque este limitou-se a contrariar o seu antagonista. A única coisa de bom que os sulistas fizeram, foi o golo que o extremo esquerdo Arafam marcou, num estupendo pontapé, disparado à entrada da área, sem deixar o esférico bater no solo, embora o guarda-redes Abel tenha falhado, ao deixar a bola passar-lhe entre os braços. Mas foi só isso, e nada mais.

Se a equipa do sul rendesse metade daquilo que a temos visto fazer esta época no Lino Correia, ou se contasse com mais um homem com qualidades semelhantes às do Nando, conquistava os dois pontos aos «encarnados». O seu guarda-redes Ussumane, cometeu tal como o do Benfica, frangos nos dois golos que a sua equipa sofreu.

A arbitragem de J. Gomes foi medíocre.

Canon venceu Taça das Taças

O «Canon» de Yaundé (Kpa Kum) ganhou pela primeira vez a Taça de África dos Vencedores das Taças, ao golpear no domingo a equipa queniana do Gor Mahia por 6-0, com 4-0 no intervalo, no jogo da final da quinta edição desta taça. Na primeira mão os camaroneses já tinham vencido por 2-0.

No ano passado, o «Canon» havia ganho a Taça dos clubes campeões de África, ao vencer o Hafía na final.

ARGÉLIA 5 — MARROCOS 1

A equipa nacional da Argélia derrotou anteontem a sua homóloga marroquina em Casablanca por 5-1 no desafio da segunda mão a contar para a segunda eliminatória do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

Os argelinos já venciam ao intervalo por 2-1, tendo aberto o activo aos 15 minutos da partida por intermédio do avançado-centro Bentaoula, jogador que iria marcar mais dois golos. Os outros tentos argelinos foram apontados por Belloumi. Dimane obteve o único golo marroquino na transformação numa grande penalidade.

MADAGÁSCAR 1 — EGÍPTO 1

As selecções nacionais do Madagáscar e do Egipto empataram no domingo em Antananarivo a uma bola, no jogo da primeira mão a contar para as eliminatórias natória do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

Resultados

Balantas, 0 — Gabú, 3; Bula, 0 — Ajuda, 1 (a); F. C. Quínara, 1 — Sporting, 2; Benfica, 2 — Tombali, 1; E. Negra de Bolama, 1 — UDIB, 5; Bissorã, 0 — Bafatá, 0; Ténis Clube, 1 — Farim, 1; Cantchungo — Estrela Negra de Bissau (b).

a) Devido a falta de visibilidade, o jogo não terminou. O resultado era de uma bola a zero, favorável a equipa do Ajuda Sport.

b) Não se realizou devido à falta de comparência da equipa de arbitragem.

Totobola

Os Serviços do Totobola Nacional registaram, de dois a oito de Dezembro 3 880 boletins, num total de 43 160 apostas, que forneceram uma receita num montante de 139 735 PG.

Desta quantia registada, para o fundo da construção 8.515 PG, serão destinados à construção do estádio Lino Correia. Desta forma, o montante para cada prémio é de 34 933,50 PG.

A chave completa do concurso:

Balantas — Gabú	2
Bula — Ajuda	2
Quínara — Sporting	2
Benfica — Tombali	2
Bolama — UDIB	1
Bissorã — Bafatá	X
Ténis — Farim	X
Cantchungo — E. Negra	1
U. Leiria — Marfimo	...	1
Estoril — Guimarães	...	X
Sporting — Porto	1
Varzim — Rio Ave	1
Boavista — Setubal	1

De 14 a 17 de Dezembro em Yaundé

Nova assembleia-geral do CSDA (1)

A 9.ª assembleia geral do Conselho Superior dos Desportos em África (CSDA), órgão que coordena a política desportiva ao nível do continente, reune-se de 14 a 17 do corrente mês em Yaundé, capital dos Camarões.

Na ordem do dia da assembleia está, não só a renovação da presidência e do secretariado-geral do CSDA, mas também o estudo e a busca de soluções para os principais problemas que entravam o desenvolvimento do desporto africano. Estes problemas são, nomeadamente, a carência de quadros qualificados, infra-estruturas, meios de comunicação, o êxodo de atletas, especialmente para a Europa, e a violência nos estádios, embora este último não seja um fenómeno especificamente africano.

A 9.ª assembleia-geral do CSDA examinará a questão da participação africana nos Jogos Olímpicos de Moscovo — uma delegação do comité organizador dos J. O. estará presente em Yaundé — a preparação dos Jogos Africanos de Nairobi em 1981, a discriminação racial no desporto na África do Sul e os problemas organizacionais.

Os Jogos da Commonwealth em Edmonton (Canadá), a segunda Taça do Mundo de Atletismo em Montreal (Canadá), as

Espartaquíadas dos Povos da URSS assim como os Jogos do Mediterrâneo em Split (Jugoslávia), onde os concorrentes africanos tiveram brilhante comportamento, confirmaram, mais uma vez, as grandes potencialidades do nosso continente no campo desportivo, particularmente em atletismo.

Mas há outras modalidades que permanecem inexploradas, casos da ginástica, natação, etc... Desde que tenham meios à sua disposição, enquadramento e a vida particular minimamente assegurada, os atletas africanos multiplicarão façanhas como as de Henry Rono no atletismo ou da selecção da Tunísia em futebol.

Tais são as tarefas urgentes que se colocam aos dirigentes desportivos do continente na hora da 9.ª assembleia-geral do CSDA. É claro que a realização destas exigências está intimamente dependente da política global aplicada pelos diferentes regimes no poder em África.

Infelizmente, a urgente necessidade da resolução destes problemas corre o risco de passar para o segundo plano, face à «guerra» aberta para os cargos de direcção no organismo dirigente do desporto africano.

Com efeito, vários candidatos, avançados pelos seus países ou pelas respectivas zonas, manobram para suceder aos actuais presidente e secretário-geral do CSDA.

A Nigéria, o Lesoto e a Tunísia apresentarão cada um o seu respectivo candidato para a presidência. Além do nigeriano Abraham Ordía, presidente cessante, José Bakheia, ministro da Informação do Lesoto é candidato. O nome do candidato tunisino ainda não foi comunicado.

Para os postos de vice-presidentes, a Costa do Marfim apresentou a candidatura de Laurent Dona-Fologa, ministro da Juventude, Educação Popular e dos Desportos. Um segundo candidato a designar será inscrito pelo Togo.

Mas é no secretariado-geral que a «batalha» é mais cerrada. Há quatro candidaturas: o congolês Jean-Claude Ganga (secretário-geral cessante), apoiado pelos países da Zona 5, o senegalês Amadou Lamine Ba, candidato da Zona 2, o ghanense Samuel Anshah Okyere, chefe da divisão da Organização dos Desportos do CSDA, e uma candidatura do Lesoto, cujo nome ainda se desconhece.

AS ZONAS DE DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO DO C.S.D.A.

ZONA 1: — Argélia, Líbia, Marrocos e Tunísia. ZONA 2: — Senegal, Guiné-Konakry, Gâmbia, Guiné-Bissau, Mali, Cabo Verde e Mauritânia. ZONA 3: — Ghana, Costa do Marfim, Libéria e Serra Leoa. ZONA 4: — Benin, Alto-Volta, Níger, Nigéria e Togo. ZONA 5: — Gabão, Burundi, Camarões, República Centro-Africana, Congo, Guiné-Equatorial, Rwanda, Tchad, Zaire, Angola e S. Tomé e Príncipe. ZONA 6: — Quênia, Etiópia, Uganda, Egípto, Somália, Sudão, Tanzânia e Djibuti. ZONA 7: — Zâmbia, Ilhas Maurícias, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Swazilândia, Seychelles, Botswana, Moçambique e Comores.

COMITÉ EXECUTIVO

Presidente — Abraham Ordía; 1.º vice-presidente — Mahmoud Chehata; 2.º vice-presidente — Etienne Ahin.

MEMBROS QUE REPRESENTAM AS ZONAS

ZONA 1: — Si Mohamed Baghdadi. ZONA 2: — François Bob, Secretário de Estado para a Juventude e os Desportos do Senegal. ZONA 3: — R. T. Orleans Pobe, presidente do Conselho de Desporto do Ghana. ZONA 4: — François Kouyami, ministro da Juventude, Cultura Popular e Desportos do Benin. ZONA 5: — Jean-Boniface Asséle, ministro da Educação Nacional da Juventude e Desportos do Gabão. ZONA 6: — J. Kasyoka, do Quênia. ZONA 7: — Musa Keni Kasonka, Director dos Desportos da Zâmbia.

REPRESENTANTES DAS CONFEDERAÇÕES

Ydnekatchew Tessema, presidente da Confederação Africana de Futebol. Lamine Diack, presidente da Confederação Africana de Atletismo. O juiz Amin Abou Heif, presidente da Confederação Africana de Ténis de Mesa.

SECRETÁRIO-GERAL

Jean-Claude Ganga do Congo.

Desacordo Libia-OLP

BEIRUTE — O Comitê Executivo da OLP (C.E.O.L.P.), instância suprema da Resistência Palestina, pediu no sábado às autoridades líbias para acabarem com as «medidas tomadas contra o Bureau da OLP em Trípoli» e para cessarem a sua «campanha de imprensa» contra a central palestina.

As relações entre a OLP e a Líbia encontram-se em crise há semanas, devido à criação de «comités revolucionários palestinos» entre os palestinos residentes na Líbia, operação que a OLP condena considerando que é dirigida contra ela. Por seu lado, os líbios continuam a dizer que se trata dum «movimento espontâneo das massas populares palestinas na Líbia» depois do discurso do coronel Khadafi a 1 de Dezembro, convidando as massas palestinas a constituírem em comités revolucionários e a unificar os bureaus das várias organizações palestinas numa só direcção popular.

No entanto, o representante da OLP em Rabat, Abou Marouane afirmou que o presidente Khadafi ataca a revolução palestina «porque ela recusou-se a destruir o canal de Suez e a bloquear o estreito de Ormuz». Marouane declarou ainda que o chefe de Estado líbio ataca a OLP porque os palestinos recusam constituir-se em «comités revolucionários» como acontece na Líbia.

«É também por esta razão que ordenou aos seus serviços de informação que ocupassem os bureaus da OLP na Líbia», acrescentou Marouane. (FP)

A questão dos reféns americanos O Irão deve reconhecer a derrota

— declarou Abolhassan Banisadr

BEIRUTE — «Não tendo conseguido sobrepor o processo do xá à questão dos reféns na embaixada dos Estados Unidos em Teerão, o Irão deve reconhecer-se vencido. Perdemos a oportunidade de levar o Xá perante a justiça» — declarou Abolhassan Banisadr, ex-ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, numa entrevista publicada ontem pelo semanário libanês «Al Kitah Al Arabi».

«Demiti-me do meu posto de ministro dos Negócios Estrangeiros quando já só restava a este ministério organizar a derrota iraniana», acrescentou. Segundo o antigo chefe da diplomacia, actualmente ministro da Economia e Finanças, «uma eventual condenação à morte dos reféns teria sérias consequências para o Irão», pois daria aos Estados Unidos um meio de criar tensões permanentes no nosso país. Os Estados Unidos não têm interesse em recuperar os seus reféns a fim de terem as mãos livres face aos outros Estados para destruir a revolução iraniana», afirmou Banisadr.

Entretanto, as autoridades de Teerão mantêm-se firmes na sua decisão de julgar os reféns, anunciando para tal a criação dum «grande júri internacional» encarregado de examinar o caso dos reféns acusados de espionagem. No momento em que renasce a esperança de uma saída para a crise, motivada pela informação de que os Estados Unidos teriam comunicado às autoridades iranianas a sua intenção de participar num inquérito internacional sobre os procedimentos do regime do antigo xá (com a condição dos reféns serem libertados), o governo de Teerão recusou enviar um representante ao Tribunal

Internacional de Justiça de Haia.

Num telegrama enviado no domingo ao Tribunal de Haia, o governo afirmou que a questão dos reféns, que motivou a queixa americana, «não passa dum aspecto marginal e secundário dum situação resultante de 25 anos de ingerência americana nos assuntos do Irão».

Na terça-feira passada, o jornal «Mardom», órgão do Partido Toudeh (comunista), manifestou na passada terça-feira a sua «pávida inquietação» perante a política externa actual do Irão, considerando que esta não assenta numa «base clara». Depois de ter criticado «a falta de coesão» do Conselho da Revolução órgão dirigente da República Islâmica, sobre a definição dum política externa, o jornal referiu-se ao desentendimento entre Abolhassan Banisadr e Sadeg Ghotbzade, afirmando que cada

novo responsável da diplomacia iraniana age segundo «seu gosto e suas opiniões políticas».

TENSÃO NO AZERBAIDÃO

Abolhassan Banisadr, ministro iraniano da Economia e Finanças dirige uma missão governamental que se encontra desde ontem em Tabriz (Azerbaião Oriental) para se informar dos problemas desta província, onde houve violentos combates na noite de domingo para segunda-feira para a posse do edifício da rádio-televisão.

Aparentemente, trata-se de um desacordo entre partidários do Ayatola Khomeiny e do Ayatola Shariat-Madari, que degenerou em confrontos que conduziram à intervenção do exército. Por outro lado, foi anunciado o recomeço das negociações entre a missão de boa vontade e os dirigentes kurdos.

Zimbabwé: "Linha de Frente" apoiará um governo democraticamente eleito

DAR ES SALAM — O presidente tanzaniano Julius Nyerere declarou que os Estados da «linha de frente» (Angola, Moçambique, Zâmbia, Botswana e Tanzânia) estão dispostos a apoiar qualquer

governo eleito democraticamente no Zimbabwé, informou ontem o diário governamental tanzaniano «Daily News».

Nyerere fez esta declaração ao correspondente do Jornal «Voz do Povo» no decurso da viagem que o camarada Pereira, Secretário-Geral do PAIGC acaba de efectuar à Tanzânia.

O chefe de Estado tanzaniano acrescentou que este apoio seria concedido com a condição da Frente Patriótica e o governo de Londres chegarem a um acordo sobre as modalidades dum cessar-fogo no Zimbabwé, último ponto das discussões na conferência de Lancaster House sobre o futuro da Rodésia.

bre o futuro da Rodésia.

Em Londres, as negociações encontram-se num impasse não obstante as informações optimistas sobre a conclusão do acordo de cessar-fogo.

Joshua Nkomo, co-presidente da Frente Patriótica do Zimbabwé declarou que as negociações não podiam progredir porque a Grã-Bretanha renuncia ao que já tinha aceiteado.

Falando ao Jornal «Times of Zambia», das propostas britânicas sobre a disposição das forças militares e o confronto durante o período transitório, Nkomo disse que a aceitação destas propostas equivalia a aceitação da «condenação

capital» para a Frente Patriótica.

«Nós persistiremos até que os britânicos modifiquem a sua proposta favorável às tropas de Salisbúria de confinar as nossas forças num campo de prisioneiros», sublinhou Nkomo.

Entretanto, prosseguindo a sua tentativa de impedir a participação dos combatentes da liberdade nas futuras eleições, as autoridades ilegais de Salisbúria lançaram no domingo novas agressões contra campos de refugiados do Zimbabwé situados nos territórios da Zâmbia e Moçambique onde mataram e feriram dezenas de inocentes.

O Salvador e o Não-Alinhamento

MÉXICO — A declaração de Guillermo Manuel Ungo, membro da Junta Revolucionária do Salvador anunciando que o seu país queria aderir, como membro de pleno direito, ao Movimento do Não-Alinhamento, suscitou um grande interesse no México e noutros países latino-americanos. (Tanjug).

Jugoslávia apóia Zâmbia

LUSAKA — O presidente Tito da Jugoslávia pediu aos países Não-Alinhados para se encarregarem da defesa da independência da Zâmbia, ameaçada pelos ataques dos regimes ilegais da Rodésia e África do Sul. Numa mensagem de solidariedade enviada ao presidente Kenneth Kaunda, o marechal Tito prometeu ao «povo zambiano o apoio sem reserva e a ajuda do povo jugoslavo». (FP)

Combatentes do Irão para o Líbano

TEERÃO — Um primeiro contingente de «mil combatentes iranianos» deixará, no próximo sábado, o Irão com destino ao Líbano, anunciou a «Organização Revolucionária das Massas da República Islâmica». Num comunicado publicado na terça-feira, esta organização, criada em Outubro último por Mohamad Montazeri, precisou que «esta decisão segue-se à directiva do imam Komeiny pedindo ajuda para os irmãos palestinos e libaneses».

Empréstimo do BADEA

KARTUM — Seis países africanos (Angola, Quênia, Mali, Gâmbia, Lesoto e Comores) vão receber um empréstimo do Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico em África (BADEA), no valor total de 35,67 milhões de dólares. Esta decisão foi aprovada no final da 15.ª sessão do BADEA. (SUNA)

Polisário tem base no Mali

BAMACO — O Mali colocou em Maio de 1974 uma parte do seu território à disposição da Frente Polisário para servir-lhe de base de treino, revelou no domingo Modibo Niara, funcionário da presidência, durante uma emissão da Rádio-Mali sobre a situação no Sahara Ocidental.

Esta declaração reve-

lando que a ajuda do Mali à Polisário começou um ano depois da fundação do movimento parece ser uma resposta de Bamaco ao Marrocos cujo rei acusou o chefe de Estado maliano, general Moussa Traoré de estar a favor do Polisário na questão do Sahara Ocidental.

Modibo Diarra lembrou que a OUA, o Tribunal

Internacional de Justiça de Haia e a ONU reconheceram o direito à autodeterminação do povo saharauí. Deu clareza a entender a vontade do Mali em prosseguir os seus esforços no seio do «Comité ad hoc» da OUA, a fim de que os saharauis possam beneficiar deste direito. (FP)

LIBERTAÇÃO DE PRESOS

DJAKARTA — O governo indonésio libertou recentemente 2.045 prisioneiros políticos comunistas detidos há longos anos sem julgamento. A agência nacional de segurança revelou que mais 105 seriam posteriormente libertados. Os presos tinham sido acusados de terem participado numa rebelião que não teve êxito, e que foi barbaramente reprimida.

BATALHA DE EDUCAÇÃO

NIAMEY — O presidente nigerino Seyni Kountché, que efectuou recentemente uma visita de vários dias pelo interior do país, anunciou antontem que seriam realizados mais esforços no domínio do Ensino a fim de acelerar o desenvolvimento do país e de tornar a escola «realmente aproveitável a todos». Declarou que se daria prioridade à formação de professores. (FP)

ARGÉLIA: GREVE ESTUDANTIL

ARGEL — A arabização da administração argelina é um dos pontos essenciais das reivindicações dos estudantes de várias faculdades da Universidade de Argel que se encontram em greve há mais de 15 dias. Os grevistas pretendem um encontro com o presidente Chadli Benjedid para lhe expor as suas reivindicações. (FP)

PERIGO DO ALCOOL

NOUAKCHOTT — A venda e o consumo de bebidas alcoólicas por mauritanianos serão doravante considerados delitos, decidiu na sexta-feira o governo mauritaniano. O governo decidiu também «aplicar as mesmas penas para os actos de cumplicidade nesta matéria», acrescentou o comunicado. Estas difíceis medidas registam-se na altura em que as autoridades se mostram bastante preocupadas com o desenvolvimento do alcoolismo em alguns centros urbanos. (FP)

Cultura

Cinema

Francis Bebey em Bissau



Integrado no plano de actividades culturais a levar a cabo pelo Departamento das Artes da Cena do Comissariado de Estado da Informação e Cultura, estará em Bissau, para uma série de espectáculos, a partir do dia 19 do corrente, o cantor e compositor camaronês de renome internacional, Francis Bebey.

Por seu turno, no cumprimento dos acordos de intercâmbio cultural e desportivo, assinado en-

tre o nosso país e o Níger, aquando da visita do Presidente nigerino a Bissau, no ano passado, deslocar-se-ão no próximo dia 16 a Niamey, a Orquestra Nacional Cobiana Jazz e a Selecção Nacional de Futebol.

Recorde-se que o nosso país participará no primeiro Festival de Música da zona Desportiva número dois que terá lugar ainda este ano, em Dakar.

Entretanto, é esperado

no próximo dia 19 em Bissau, um grupo de acrobatas soviéticos, no âmbito do acordo cultural existente entre a Guiné-Bissau e a URSS. Durante a sua permanência de cerca de 10 dias, no nosso país, os acrobatas soviéticos abrilhantarão vários espectáculos tanto em Bissau como nalgumas regiões do interior.

Este grupo cultural encontra-se em tournée por vários países do mundo.

AS DUAS FACES DO BRASIL

A segunda Semana do Cinema Brasileiro, que decorre em Bissau desde sábado, é uma coisa boa. Pouca gente estava ao corrente, salvo os convidados é claro! Nenhum cartaz a anunciava nas paredes da velha e única Udib, ou pelo menos na montra do Império ou nos muros do «Lino Correia». O jornal não falou com a devida antecedência, a rádio noticiou, mas como só a FM funcionava poucos escutaram.

Foi assim que Bissau, ávido e necessitado de cinema (do bom), perdeu o primeiro dia da 2.ª Semana do Cinema Brasileiro. Sobraram bilhetes na bilheteira. Foi uma pena! Se CHICA DA SILVA de Carlos Diegues entusiasmou e deslumbrou no ano passado, este ano a QUEDA do ilustre realizador Ruy Guerra de origem moçambicana esclareceu, revelou, mostrou, por vezes (raras) com exagerado simbolismo, uma das faces (dramáticas) da realidade brasileira. Vimos a outra face do «milagre brasileiro», os responsáveis e vítimas dum modelo de desenvolvimento que não é desenvolvimento, com o seu cortejo de «novos ricos», intelectuais frustrados, operários do mesticados, desesperados, e as crianças barrigudas das favelas.

Mas o melhor foi o documentário de Vladimir Carvalho — A PEDRA DA RIQUEZA — daqueles que não estamos habituados a ver. Claro, directo, a câmara capta o povo humilde, trabalhador sacrificado do Brasil profundo, foca o seu dia a dia na mina, peneirando as esperanças dum minério cujos benefícios nunca chega a tirar proveito.

O segundo dia da 2.ª Semana foi diferente. Em baixo, na plateia, poltrona, houve a habitual guerra para os bilhetes, com todos os seus golpes sujos de «reserva tanto», «passe-me cinco», enquadro outros se asfalfam na bicha. O salão encheu-se. O documentário — VIVENDO OS TEMPOS DO CARVOEIRO — de Deleny Campos, esteve na linha realista de PEDRA DA RIQUEZA. Mas, como que para nos amenizar, suavizar e fazer esquecer a Queda perante o inferno da cidade que mais cresce por minuto do capitalismo dependente, vimos ISTO É PELÉ.

O negrão, génio da bola, cujo talento formidável permitiu-lhe galgar a pirâmide social brasileira, que em cada jogada sensacional punha o Brasil na boca e na imaginação do mundo, como hoje faz ao serviço do Cosmos e Com. Lda.

No terceiro dia da 2.ª Semana, que começou bem, ainda mal se tinha apagado das mentes a visão mística do Juazeiro, quando aconteceu o inesperado, uma «sacanagem» — como diria um amigo brasileiro — que relatamos no próximo número, pois já não temos mais espaço.

Luiz Cabral visitou Cassacá

(Continuação da 1.ª pág.)

salame, sector de Empada, onde foi recebido pelo camarada Quemo Mané, do CSL do Partido e presidente do Comité do Partido e do Estado da Região de Quinara e pelos alunos do ciclo e semi-internato local.

Tal como em Cassacá, o Presidente, travou um longo diálogo com a população, auscultando as suas preocupações diárias.

O camarada Luiz Cabral respondeu com pa-

lavras de encorajamento e de esperança. Por outro lado, falou ao povo daquela localidade dos projectos do Governo, sobretudo, o da energia, que irá permitir um certo desenvolvimento das regiões.

APELO DA COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES

Para custear o referido Monumento, foi decidido lançar uma Abota Nacional, que possibilita todo o nosso povo, e dos amigos estrangeiros que vivem

na nossa terra uma participação nesta acção de grande significado.

Aos militantes, candidatos e simpatizantes do Partido, aos membros da JAAC, da UNTG e da CNMG, aos trabalhadores da Função Pública e do sector privado e a todo o nosso povo, a Comissão Nacional para as Comemorações apela, no sentido de se mobilizarem para a concretização desta iniciativa.

Acompanharam o camarada Presidente ao Sul do nosso país os cama-

radas Juvêncio Gomes, do CSL do Partido e presidente do Comité do Estado da cidade de Bissau, Bacar Cassamá e Arafan Mané, ambos do CSL do Partido e chefes das casas Civil e Militar de Presidência da República, Mateus Correia, 2.º Comandante da Marinha de Guerra Nacional, Vasco Salvador Correia, presidente do Comité do Partido e do Estado da Região de Tombali e dos cooperantes dr. Sven Ascrberg e o arquitecto Arsene Nicolas.

Em saudação à Conferência da OPAD

Presidente ofereceu 10 mil pesos

Por ocasião da realização da primeira Conferência Nacional dos Quadros da Organização de Pioneiros Abel Djassi, o camarada Presidente Luiz Cabral recebeu uma delegação dos pionei-

ros chefiada pela camarada Filomena Barreto, membro da Comissão Nacional da JAAC e Secretária Nacional da OPAD. Na ocasião o camarada Luiz Cabral ofereceu à organização uma

quantia de 10 mil pesos em saudação à sua primeira Conferência. O Presidente do Conselho de Estado tomou conhecimento dos preparativos da Conferência e das actividades desenvolvi-

das por essa organização até à data presente. No final do encontro o Chefe de Estado guineense assinou o livro de honra da conferência com a seguinte frase: «Que o Ano Internacional da Criança inspire os quadros responsáveis da Organização de Pioneiros «Abel Djassi» na procura de novos caminhos para a formação política, social e cultural das flores da nossa luta».

Registo

Bombeiros, sociedade e civismo. A temática dos Bombeiros está intimamente ligada a questões de civismo. E, naturalmente, é também uma componente social. Apesar disso, nem sempre as pessoas acompanham de perto a evolução dos problemas com que lutam os Bombeiros para poderem cumprir da melhor forma as tarefas que por norma pertencem ao seu campo de actividade.

Não surpreende, por isso, que muitas dessas pessoas, no nosso País, fiquem admiradas quando ouvem o comandante dos Bombeiros Humanitários de Bissau, camarada João Zacarias, afirmar que uma via-tura destinada aos serviços da corporação pode custar, no mercado internacional, um milhão ou mesmo mais de um milhão de pesos guineenses. O material para as corporações de Bombeiros está sendo, em todo o mundo, cada vez mais caro. Isso explica-se, por um lado, atendendo a que esse equipamento é também, cada vez mais, sofisticado, para poder acompanhar a própria modernização dos métodos de combate ao sinistro. Auto-tanques, ambulâncias, pronto socorros e outras via-

turas apropriadas estão a ser objecto de novas concepções nas fábricas da especialidade. Para se poder acompanhar como deve ser essa corrida ao aperfeiçoamento, é preciso, além do mais, ter uma certa capacidade económica-financeira, e garantir um constante aperfeiçoamento técnico dos quadros de Bombeiros.

Há precisamente um ano, uma delegação dos Bombeiros Humanitários de Bissau, viajou até às terras do Leste do País, a fim de estudar no terreno as possibilidades de estruturação e instalação de secções locais da própria cor-

poração. É uma ideia assistida já por um projecto em forma, para ser aplicado, com propriedade, quando houver condições para tal. Existe um critério de prioridades, por exemplo em relação a Bafatá, Gabú, Bolama e outras áreas do País, por ali se concentram unidades industriais e também por outras razões. Mas o que é facto é que o projecto foi concebido, como se compreende, de modo a contemplar todas as Regiões. E assim é que está realmente certo. Um incêndio ou um acidente qualquer tanto se produz num lu-

gar como noutra qualquer. O Governo entendeu que este seria o critério mais justo e decidiu apoiar, abertamente, na medida das suas possibilidades, esse projecto de expansão do serviço de Bombeiros a todo o território nacional.

Sendo assim, os Bombeiros Humanitários cumprirão, integralmente, esse vasto programa de tarefas sociais que justificam o impacto das suas intervenções junto das populações, que os estimam e consideram como agentes de segurança, solidariedade e civismo.